

**KÉTSIA FIGUEIREDO
TAMIRES NASCIMENTO**

**CULTURA DO INTERIOR:
WEBSITE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE CUNHO POPULAR DA CIDADE DE
RIBEIRA DO POMBAL**

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Produção em Comunicação e Cultura,
Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da
Bahia

Orientador: Prof. Dr. Adriano Sampaio

Salvador - Bahia

2011

AGRADECIMENTOS

Aos personagens da Cultura de Ribeira do Pombal que foram parte fundamental para a produção de todo nosso trabalho, que nos acolheram com generosidade ao compartilhar seus conhecimentos e vivências em prol do fortalecimento cultural do município.

Ao orientador, professor doutor Adriano Sampaio por acolher a nossa proposta de trabalho, ajudar a nos guiar no percurso no Trabalho de Conclusão de Curso e de nos mostrar que a proposta pode ser expandida futuramente.

À professora Nadja Miranda, que na fase inicial da nossa pesquisa nos orientou e contribuiu para o primeiro passo.

A Osvaldo Góis, Coordenador de Cultura de Ribeira do Pombal que nos ajudou a conhecer melhor o funcionamento da área cultural da cidade.

As amigas da faculdade, Renata Pizane, Rebeca Teles, as quais estavam sempre ao nosso lado, colaborando com o nosso desenvolvimento na academia e nos momentos difíceis. Nas horas das oportunidades, análises da sociedade e alegrias nos juntávamos também aos amigos Filipe Costa e Itamar Ferreira.

Aos personagens da cultura de Banzaê que colaboraram com depoimentos para a pesquisa, mesmo não podendo citá-los no trabalho devido a problemas de tempo e financeiros.

À Joel Ferreira, tio de Tamires Nascimento e morador de Ribeira do Pombal que nos ajudou no deslocamento na pesquisa de campo.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a nossa formação acadêmica na área de Comunicação e Cultura e no mercado da Produção Cultural.

*“Para mim, o seu cantar era Divino,
Quando ao som da viola e do bordão,
Cantava com voz rouca, o Desatino,
O Sangue, o riso e as mortes do Sertão.”*

Ariano Suassuna, Aqui morava um rei.

SUMÁRIO

Apresentação	05
A Cultura Popular e o Território do Semi-Árido	06
Manifestações Culturais de Ribeira do Pombal	16
Produção da Pesquisa	29
Viagens	29
Por que a Internet para auxiliar na Difusão da Preservação de Manifestações Culturais	34
Produção do Site	40
Considerações Finais	41
Anexos	43
Anexo 1 Cronograma das Atividades	44
Anexo 2 Imagens	45
Anexo 3 Layout do Produto	52
Referências e bibliografias	53

APRESENTAÇÃO

O projeto ‘Cultura do Interior’ é um registro em um site da internet (<http://www.culturadointerior.com>) sobre as manifestações populares do semi-árido baiano com o objetivo de evidenciar as características do patrimônio imaterial de uma região que não é só marcada pelo clima, um tanto inóspito, mas principalmente pela riqueza cultural de seu povo.

Nosso objetivo é mostrar algumas cidades que fazem parte dessa região. Porém, nossa primeira pesquisa empírica foi em torno do município de Ribeira do Pombal com a finalidade de ser o Trabalho de Conclusão de Curso. E também por uma identificação cultural de uma de nós, pois Tamires Nascimento é da cidade de Ribeira do Pombal e unindo sua curiosidade à de Kétsia Figueiredo em pesquisar que tipos de manifestações se dão nesse local e de que forma elas funcionam foi o que impulsionou a realização do presente trabalho. Poder reconhecer tais expressões da cultura popular e apresentá-las na plataforma web é algo enriquecedor tanto para nós que elaboramos o trabalho quanto para as pessoas que se reconhecerão através de nosso produto final, o site Cultura do Interior.

Esse é um projeto piloto para outro que abrangerá primeiro as cidades do território de Identidade Semi-Árido Nordeste II, o qual tem por meta mapear a cultura popular desses municípios e dessa vez acrescentar as informações numa outra plataforma virtual, a wiki, elaborando assim uma enciclopédia pública em que os leitores poderão mandar informações sobre manifestações de seu local de origem, agregando além do conhecimento, o valor simbólico de sua participação na construção de uma pesquisa que beneficiará tanto os que produzem cultura, quanto aos novos pesquisadores. Será na verdade uma espécie de ‘desbravamento’ dos territórios de Identidade Cultural da Bahia.

A estrutura do memorial divide-se em alguns capítulos para explicitar qual o percurso utilizado até chegarmos à conclusão do trabalho. Iniciamos relatando em que contexto se insere nossa proposta de pesquisa através do capítulo ‘A Cultura Popular e o Território do Semi-Árido’, que traz alguns dos conceitos e ideias ligadas ao termo cultura e cultura popular, passando também pelas questões relacionadas ao território físico, o qual passa a ser dividido no estado da Bahia em territórios identitários.

Em ‘Manifestações Culturais de Ribeira do Pombal’ apresentamos as expressões, grupos e personagens encontrados na cidade e também seus relatos que nos servem de base para toda a construção do produto final, o site Cultura do Interior.

Na parte ‘Produção da Pesquisa’ tratamos sobre a busca pelas informações e contatos junto às pessoas da cidade e seu departamento de cultura. Também relatamos os passos de todas as viagens e entrevistas realizadas.

No capítulo ‘Por que a Internet para auxiliar na Difusão da Preservação de Manifestações Culturais’, explicitamos questões como a guarda da memória e as questões de identidade e territorialidade, as quais estão envolvidas nesse âmbito da pesquisa.

Por último temos ‘Produção do site’, onde relatamos os passos para a criação do produto Cultura do Interior e descrevemos um pouco a composição do seu layout final.

A CULTURA POPULAR E O TERRITÓRIO DO SEMI-ÁRIDO

Para nortear e fundamentar a pesquisa fizemos uso dos conceitos de cultura popular, regionalização, baianidade e descentralização da cultura no estado da Bahia por meio dos territórios de identidade.

O conceito de cultura popular ainda é de difícil aceção por abarcar múltiplas definições nas Ciências Humanas, pois diversos autores discutem e questionam o termo, mais precisamente a sociologia e a antropologia. Há muita curiosidade em saber como surge a cultura popular, por quem é feita e como se dá na sociedade contemporânea. “Seria cultura do povo ou para o povo?” (CHAUÍ, 1986).

O que ficou claro durante a realização da pesquisa é que a cultura popular e as manifestações que encontramos emanam do povo e é feita para os mesmos sem a preocupação de que outros reconheçam o que fazem, pois realizam as manifestações porque estas fazem parte do seu modo de vida.

Ainda há confusão sobre o que é cultura popular, folclore e a linha tênue entre essas duas concepções: a tradição, que é de fundamental importância para a compreensão desses conceitos. A palavra folclore começou a ser utilizada em 22 de agosto de 1846 por William John Thoms (1803- 1885), arqueólogo inglês, à revista *The Atheneum* de Londres para denominar um campo de estudos até então identificado como “antiguidades populares” ou “literatura popular”. Thoms escolheu duas palavras de origem saxônica: “folk”, que significa povo, e “lore”, que significa saber; formando assim o “folk-lore”, ou a “sabedoria do povo”.

Segundo Henrique Rocha (2005: 6), “devemos, com legitimidade, retirar o folclore da condição de derivação de cultura popular e estabelecer a cultura folclórica como categoria complementar à cultura, podendo ser verificado tanto no meio rural como no urbano da mesma forma que a cultura popular”. Portanto, nem toda cultura popular pode ser classificada como folclórica, apesar de que o folclore também possa estar no universo da cultura popular.

A cultura popular caracteriza-se por registrar o seu conhecimento tradicional, praticado no cotidiano em recursos materiais usados de maneira intencional com a finalidade de manter a sobrevivência de seu produtor e de suas práticas. Por isso, se apóia em suportes tecnológicos para dá continuidade aos valores do “povo” e com isso contrapor-se à cultura oficial. No que diz respeito ao folclore isso não pode ser feito, pois este se dá de maneira espontânea, transmitido muitas vezes em narrativas orais, passados de geração a geração, estando mais ligado à tradição do que a qualquer outro fim externo. Rocha (2005: 16,17) explica que,

A cultura popular pode se apoiar em recursos tecnológicos materiais (discos, filmes, livros), enquanto o folclore por essência só pode ser representado por meio desses suportes, ou seja, esses meios nunca serão produtos do folclore, mas podem ser produtos da cultura popular. Os portadores de folclore possuem um patrimônio imaterial que é transmitido por meio das narrativas orais, da prática de ritos e pelo hábito adquirido pelo processo de permanência das relações de vida que mantêm conteúdos tradicionais. A natureza de suas manifestações está relacionada com necessidades a serem satisfeitas pelos grupos sociais, que passadas de geração a geração se tornam um fato folclórico. Mas que, no entanto, não estão propriamente esquematizadas intencionalmente para que se derivem recursos, ou suportes, para que esses fatos estejam registrados materialmente e se destinem à manutenção da tradição. (ROCHA, 2005)

A exemplo desse registro que se faz necessário ao artista, o qual através da venda de produtos como os CD's, que o Sr. Zé da Hora e Galeguinho Aboiador, ambos artistas populares de

Ribeira do Pombal, tiram seu sustento ao mesmo tempo em que mantêm viva a cultura por meio da difusão de seu trabalho.

De acordo com Ferreira (1997:30), esta produção cultural dita popular “(...) não é necessariamente gerada por grupos ou indivíduos pertencentes às classes subalternas do ponto de vista da produção econômica, desde que represente a visão de mundo e os interesses que são próprios a estas classes”. Ou seja, os produtores e consumidores da cultura popular também participam de outras esferas do circuito cultural, como a cultura de massa e a cultura erudita.

O fato dos consumidores e produtores da cultura popular transitarem por diferentes esferas sociais é percebido nas manifestações, as quais na maioria das vezes têm origem nobre, pois muitas saíram dos salões reais e passaram a ser praticadas pela maioria da população. Isso pode ser visto nos detalhes dos figurinos das quadrilhas juninas e na maneira de dançar, por exemplo.



Quadrilha Pé no Chão

Foto: Quadrilha Pé no Chão

Para uma melhor identificação da cultura popular no semi-árido baiano, é preciso explicitar a construção da imagem do sertanejo (nordestino) dentro do panorama nacional. Antigamente, no Brasil colonial a expressão “sertão” era designada para falar em lugares longínquos do litoral, onde ainda não era habitado por “homens civilizados” e sim por índios.

“De modo geral, denotava ‘terras sem fé, lei ou rei’, áreas externas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitadas por índios ‘selvagens’ e animais bravios, sobre os quais as autoridades portuguesas, legais ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente” (AMADO, 1995). Ou seja, a concepção do ‘outro’ (o que não era litoral), qualquer lugar distante, na época da colonização portuguesa no Brasil, era denominado de “sertão” ou “certão” de maneira bastante negativa, referindo-se a estes locais como inóspitos, de pessoas brutas.

Mais tarde Euclides da Cunha em sua obra clássica *Os sertões* faz uma análise, influenciado pelas teorias evolucionistas, dos aspectos geográficos e dos habitantes da cidade de Canudos, sertão da Bahia. A guerra de Canudos foi o principal fator para entender as pessoas que moravam nesses locais. Nos primeiros capítulos de sua obra, “a terra” e “o homem”, ele fez uma descrição detalhada das características do ‘povo’ de lá. Portanto, através das noções de clima e raça os estudos de identidade do “brasileiro” foram norteados no final do século XIX e início do século XX, mostrando uma construção negativa da nacionalidade.

Como explica Cláudia Pereira Vansconcelos (2006: 3), “uma divisão regional que pudesse viabilizar uma clara distinção entre um Brasil ideal – moderno, rico, industrial, formado por uma grande parcela de emigrantes europeus..., e um Brasil ‘real’ – atrasado, pobre, rural, escurecido por uma população mestiça de índios e negros... Desse modo, a ênfase na diferença entre o ‘Brasi de cima’ – Norte/Nordeste e o ‘Brasi de baixo – Sul/Sudeste (...), ou melhor, a escolha de uma região para representar o nacional indicava, por hora, a resolução para o grande dilema da unidade nacional.

No estado da Bahia ocorreu a divisão por territórios, semelhante a que foi feita à nível nacional. Apenas Salvador, litoral e Recôncavo baiano, ainda eram “relevantes” e agradáveis para o olhar do outro, o turista, tornando homogênea a imagem da cultura baiana, deixando de lado as outras regiões, principalmente o sertão.

Ao longo da história foram criados conceitos e símbolos que ‘representam’ o sertão como um local inóspito e muito pobre. De algum modo isso é verdade, pois seu clima seco limita a agricultura e a criação de animais, o que não garante boa qualidade de vida ao povo que ali reside. O discurso proferido ao longo do tempo sempre partia de falas que vinham da capital e por isso tiveram grande poder sobre a opinião das pessoas que não conheciam de fato o sertão.

Por algum tempo ocultou-se a riqueza deste lugar que possui uma cultura que se expressa de muitos modos, principalmente ligados ao modo de vida do povo sertanejo, do cotidiano mais rural que é percebido em várias das suas manifestações.

Dentro do contexto em que estão inseridas as manifestações culturais de cunho popular da região do semi-árido da Bahia, verificamos que quase sempre são ligadas à tradição religiosa como o reisado, a qual acontece principalmente no nordeste.



Reisado do Alexandrino

Fonte: Pref. Municipal R. do Pombal

Pode-se observar que essas expressões culturais ainda não abarcam o repertório da mídia, pois é a cidade de Salvador e Recôncavo baiano, na representação que é dada pelo pólo do Turismo (incipiente, pois ainda não condizem com o modo de vida da população), como centro cultural do estado que detém o status de “a cidade da Bahia”, “a terra da felicidade”¹.

Uma explicação que revela o porquê do surgimento dessa nova imagem da Bahia apresenta-se na explicação de Vasconcelos no seu artigo ‘ Ser-tão Baiano: A Baianidade e a Sertanidade no Jogo Identitário da Cultura Baiana’:

“Por ser ‘berço do Brasil’ e sua capital durante mais de dois séculos, a Bahia jamais poderia se deixar ver meramente como mais um estado pobre que compõe a imagem do Nordeste/Sertão, sendo necessário, então, forjar uma imagem que a protegesse do ostracismo que se encontrava principalmente entre o fim do século XIX e o início do século XX e que, além disso, garantisse a manutenção do antigo prestígio da elite local, gerando recursos financeiros para compensar a perda de poder econômico e político para o Sudeste”. (VASCONCELOS, 2008)

Tal discurso foi proferido principalmente pela literatura e partiu não só de intelectuais baianos como Jorge Amado, mas também de falas importantes vindas de outros estados como Gilberto Freyre, em publicação datada de 1944, diz que a Bahia possui “sociedade híbrida de culturas que se interpenetram, de antagonismos sociais e raças que se harmonizam”... “conciliação de extremos ou de antagonismos, de saborear a vida lentamente”. Em Vasconcelos, 2008,

...“o autor associa estas características ao traço de não ter pressa, de viver numa cidade que tem sua referência no passado, na tradição, e por isso mesmo nela poderá vivenciar mais plenamente a felicidade, pois a mesma não se deixa engolir pela ‘velocidade alucinante das cidades do Sul’”. (VASCONCELOS, 2008)

Esses discursos empregados em relação à Bahia serviram para “vender” o Estado para o Turismo, limitando um lugar onde a população passa de 14 milhões de habitantes e sua extensão é de 567 295,669 km² a apenas um pertencimento cultural. Ou seja, não tinha a preocupação com os indivíduos pertencentes do local e as inúmeras identidades que aqui existem foram deixadas de lado para atender o que vem de fora.

Assim explica Márcio Meirelles (2007), ex-secretário de cultura do Estado da Bahia: “Embora a gestão conjunta das políticas governamentais de cultura e turismo tenha gerado, em momentos específicos, alguns ganhos pontuais, a submissão da cultura à lógica do turismo levou ao estreitamento da concepção de cultura e a subsequente atuação limitada do Governo do Estado nesse campo.”

Esse governo atual apresenta novas ideias após um longo período de políticas de centralização das ações para a cultura, apenas na capital, recôncavo e litoral, propondo-se a de fato descentralizar a cultura, abrir caminhos para outras regiões da Bahia. A meta é alcançar os vários lugares e a diversidade cultural, valorizando cada região e atendendo às suas peculiaridades.

A política implantada hoje para a cultura diferencia-se daquela que era ligada ao Turismo (até 2006 era Secretaria de Cultura e Turismo), deixando de lado as divisões regionais do modelo do IBGE, organizadas como regiões econômicas e agora orientadas através da noção de

¹*Termos utilizados nos romances escritos por Jorge Amado que levou essa imagem de lugar alegre a muitas partes do mundo através da literatura. daí nasce a idéia de baianidade.*

Territórios de Identidade. O Estado da Bahia foi o pioneiro nessa política de territorialização no país, formando e distribuindo novos pontos de influência em cada parte do Estado, descentralizando as ações do governo e atendendo as demandas de várias regiões. Foi adotado o mapa usado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário- MDA, que divide o estado em vinte e seis territórios, que passaram a ser chamados de Territórios de Identidade pela nova secretaria de Cultura do Estado. A Bahia possui um histórico na área de políticas de divisão de seu espaço físico, iniciado principalmente pela questão do desenvolvimento econômico.



Fonte: SECULT- BA

A Bahia já passou por diversos planos de divisão, a regionalização foi um dos primeiros passos, pois a primeira ideia era transformar o estado em um pólo capaz de atrair indústrias e ter sua economia estabilizada, mas tal plano fracassou embora tenha sido pioneira na regionalização em nível de estado.

Outras divisões ocorreram em busca de desenvolvimento econômico e social, a mais nova delas é a dos territórios identitários que além da separação física do espaço os separa também pelas semelhanças na cultura na tentativa de fazer com que as políticas culturais abarquem as suas necessidades por meio da instalação de sedes, cada uma com um representante, o qual tem como função assessorar as cidades que compõe tal território, ajudando os produtores da cultura local a desenvolverem suas atividades com maior eficiência. Mais uma vez o Estado se destaca como pioneiro na questão da organização de ações voltadas à cultura baseadas na divisão do

território. Este novo método de trabalhar mais perto dos cidadãos, dando-lhes a oportunidade de falar sobre aquilo que precisam para a área da cultura na sua cidade, e mais que isso, valoriza o reconhecimento de que fazem parte de um determinado lugar.

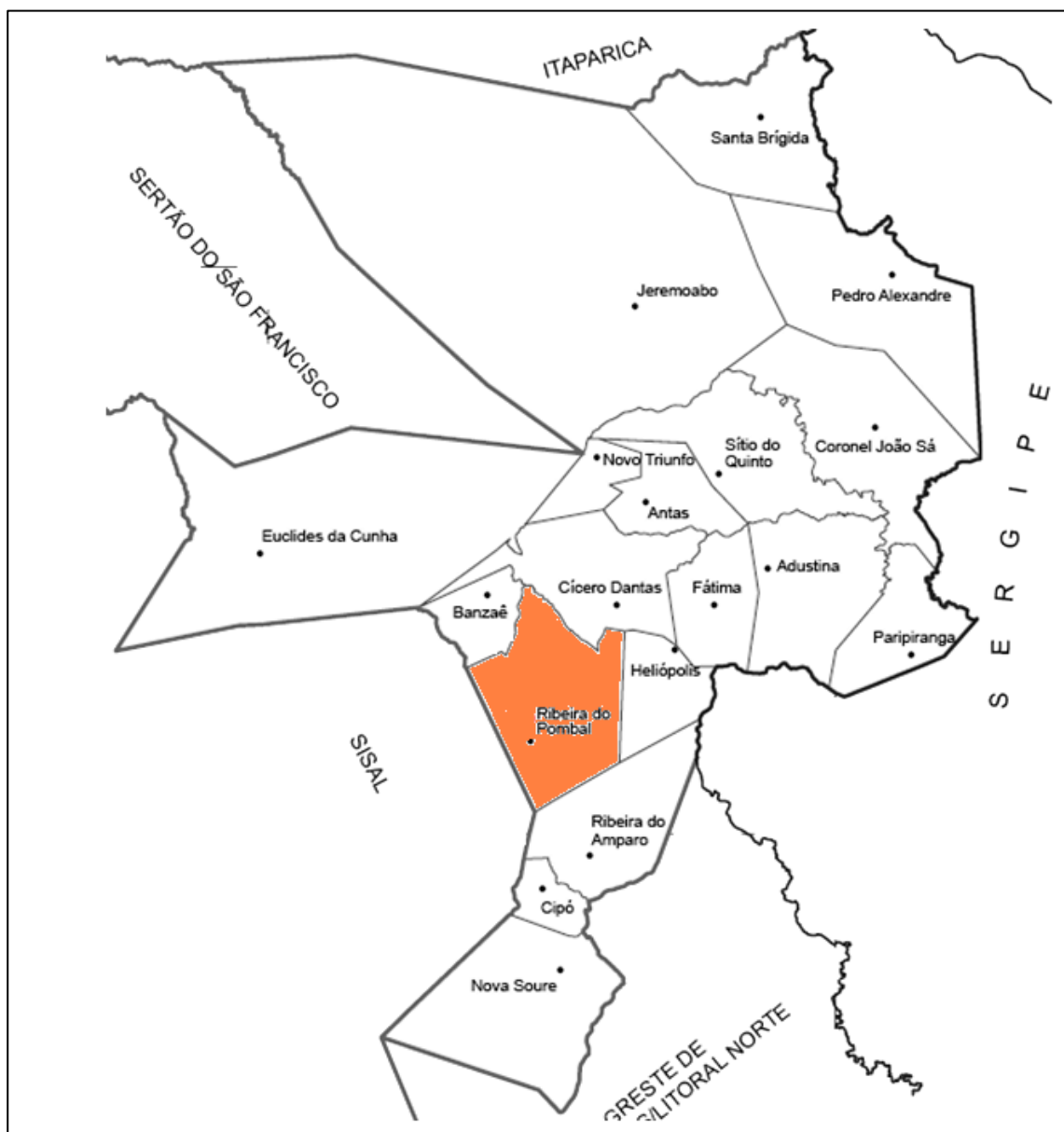
“É no território que a população constrói a sua identidade e os seus sentimentos de pertencimento onde expressa seu patrimônio cultural e define o seu destino”. (CARVALHO, 2008).

Nessa mesma linha democrática se apresenta o sentido das verdadeiras políticas públicas, pois o povo enquanto cidadãos têm o direito de voto e fala nas decisões da esfera governamental.

“A implantação de políticas públicas de cultura significa que são políticas que podem emanar do governo, mas que, ao passarem pelo crivo do debate crítico com a sociedade civil, são traduzidas em políticas públicas”. (RUBIM, 2008)

Outra fala a respeito dessa nova forma de organizar as políticas é da representante territorial Maria Karina Andrade (2011), Território Semi-Árido Nordeste II, que avalia tal política como sendo “o mais acertado programa governamental dos últimos anos, pois assimila princípios básicos da democratização das políticas como a descentralização das decisões, a regionalização das ações e a co-responsabilidade na aplicação de recursos, e na execução e avaliação de projetos”. (ANDRADE, 2011).

O Território Semi-Árido Nordeste II é formado por dezoito cidades, são elas: A dustina, Antas, Banzaê, Cícero Dantas, Cipó, Coronel João Sá, Euclides da Cunha, Fátima, Heliópolis, Jeremoabo, Nova soure, Novo Triunfo, Paripiranga, Pedro Alexandre, Ribeira do Amparo, Ribeira do Pombal, Santa Brígida, Sítio do Quinto.



Fonte: IBGE/ SECULT- BA

Ribeira do Pombal, cidade situada no Nordeste do estado da Bahia, semi-árido, originou-se de uma aldeia de índios Quiriris. Com a vinda dos padres jesuítas, ergueu-se a Vila de Canabrava de Santa Teresa de Jesus da Canabrava.

No passado, Ribeira do Pombal deixou de ser vila para tornar-se município quando o vice-rei D. Marcos de Noronha, e Brito decidiu tirar todos os aldeamentos em 8 de maio de 1758, onde se designou Pombal. Hoje, a cidade tem população estimada de 47.400 habitantes e está a 271 km da capital da Bahia.

Ribeira do Pombal como muitas outras cidades do interior do país tem dificuldades do setor cultural. Não há muitos ambientes culturais propícios para a cultura e o lazer dos moradores como cinema, teatro, entre outros.



Fonte: Pref. Municipal R. do Pombal

Porém, o que se encontra na região são talentos oriundos das tradicionais culturas populares, cujas manifestações não são disseminadas em outras localidades e até mesmo os moradores da cidade desconhecem algumas delas.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE RIBEIRA DO POMBAL

Neste capítulo se encontram registradas as entrevistas e todo o levantamento sobre a cultura da cidade junto aos personagens que a compõem. Tais informações também são a base do nosso site.

Buscamos dar um contexto a cada manifestação, desse modo apresentamos uma explicação geral do que é cada expressão da cultura local depois delimitamos para o Nordeste e para a cidade pesquisada, Ribeira do Pombal. Após fazer esse percurso iniciamos as falas dos entrevistados e relatamos tudo e de que forma se dá cada uma das expressões.

Todo o site é construído a partir das informações coletadas em campo e também por fontes relacionadas à política de cultura do Estado, sempre com foco nas atividades do território de identidade em questão.

Bacamarte

No Nordeste do Brasil existem grupos de bacarmateiros espalhados por toda região. É uma tradição representada há mais de cem anos, sua origem remonta a meados do século XIX, onde tropas ou batalhões dão tiros de pólvora em homenagem aos santos padroeiros ou em festas cívicas com seus bacamartes também conhecidos como granadeiras.

O bacamarte, do francês braquemarte, é uma arma de origem francesa utilizada nos séculos XVII e XIX, era de grande calibre chegando a pesar até 15 quilos ou mais. No Brasil essa arma foi difundida após a Guerra do Paraguai que aconteceu entre 1864 e 1870. (PAULA, 2002)²

Em Ribeira do Pombal esse tipo de manifestação se apresenta sempre nas comemorações religiosas, quando os bacarmateiros saúdam os santos a exemplo de festas de padroeiros ou em novenas dedicadas ao santo de devoção.

Na cidade não existe um grupo realmente formado, tendo apenas dois representantes dessa tradição que são os senhores Simaozinho e Zequinha. Mas no povoado de Boca da Mata,

² Informação do texto *Armas Brasil*. Disponível em <http://www.francisco.paula.com.br>

pertencente à Ribeira do Pombal, tem-se um grupo de bacamarteiros comandado pelo senhor Marcílio Venâncio composto por oito homens.

Na cidade de Ribeira do Pombal encontramos dois dos representantes do bacamarte no bairro Pombalzinho: O senhor José Rabelo de Almeida, mais conhecido por Zequinha, tem 78 anos e há cinquenta e três ele participa da festa do Bacamarte. Começou com Chico Caburé, bacamarteiro, que o ensinou a atirar com a arma que ele chama de bacamarte ou cravinote.

Hoje, Zequinha conta que não existe mais um grupo realmente formado. Quando tem festas de padroeiro ou novenas os amigos bacamarteiros são convidados a juntarem-se e festejarem e com isso mantêm a manifestação viva, fazendo apresentações nessas festas.

Zequinha conta que não existe um apoio significativo em relação à prefeitura da cidade, apenas quando esta os convida a participar da festa do padroeiro do local. São dados aos participantes apenas os fogos de artifício.

Outro representante é o senhor Simão, seu Simaozinho como é conhecido, 74 anos de idade, também tem uma banda de pífanos. Como bacamarteiro ele ainda atira e ensina os poucos jovens que o procuram interessados em manter a tradição.

Ele atira desde muito novo, e diz: “o bacamarte é tradição do mesmo tempo do instrumento de zabumba, é velho isso aqui, agora a gente tá reformando aos poucos.” Em relação aos jovens que querem aprender a atirar ele conta que “o bacamarte não é pra todo mundo, porque é perigoso, mas meu enteado já atira comigo. E eu tirei licença com o delegado para atirar”.

Esse grupo sempre toca nas festas da região e quando são convidados a participar de alguma novena. Quando conversamos com Sr. Simão era o último dia da novena de Nossa Senhora de Fátima e ele atirou em homenagem a santa em frente à igreja.

Povoado Boca da Mata

O povoado de Boca da Mata surgiu com a chegada de Antônio Reis em 1949, oriundo de Sergipe que decidiu se estabelecer por ali em busca de prosperidade profissional. Conseguiu

adquirir uma propriedade – fazenda Poço do Agostinho. Fundador do primeiro comércio do local atraiu outros moradores para o povoado que aos poucos foi crescendo. Sua população tem aproximadamente 687 habitantes (IBGE 2000) e vive do cultivo de feijão e de alguns comércios existentes no povoado (OLIVEIRA; SOUZA, 2008)³.

Reisado

Representada em todo Brasil, principalmente no Norte e Nordeste, essa manifestação é uma dança popular profano-religiosa trazida em meados do séc. XIX oriunda de Portugal, e marca o fim das festas natalinas, dedicadas aos Três Reis Magos em comemoração ao nascimento de Cristo.

A folia de reis começa a partir do natal, dia 24 de dezembro e vai até o dia 6 de janeiro que é o dia de Reis, durante esses dias grupos formados por músicos, cantores e dançarinos, chamados brincantes, que passam por todas as ruas da cidade, anunciando a chegada do “Messias”.

Os grupos saem cedo, em alvorada, acordando as pessoas da cidade para lhes anunciar a “boa nova”. Seguem batendo de porta em porta e em troca de sua cantoria geralmente recebem presentes como bebidas, comida ou dinheiro para ajudar o grupo.

Em Ribeira do Pombal existe uma localidade que mantém a tradição, o chamado "Reisado do Alexandrino", zona rural da cidade, que passado de geração a geração homenageia o dia de Reis que no município é mais conhecido como "Reisado de Mariana de Beijo".

O Reisado organizado por Dona Mariana, praticante desde os 12 anos, casada com Sr. Benjamin, Beijo, uma senhora de 72 anos, tem em seu grupo quinze pessoas, a maioria pertencentes à sua família e alguns amigos que também participam como brincantes - termo designado no Nordeste aos artistas populares que se dedicam aos folguedos tradicionais – para compor o grupo nas apresentações.

Dona Mariana é quem comanda o grupo marcando todas as etapas da encenação. Aprendeu tudo escutando os mais velhos e não tem nada registrado por escrito, "aprendi escutando, vendo e quando chegava em casa, juntava uma turma e fazia aquelas brincadeiras, escutando e

³ Informação retirada do site <http://rdopombal.blogspot.com>

aprendendo, logo meu reisado ficou em primeiro lugar e hoje todo mundo gosta quando eu marco reisado".

Ela conta que hoje ninguém se interessa em aprender para seguir adiante a tradição: "todo mundo gosta de brincar mais eu, mas não pra fazer o que eu faço, porque no reisado eu sou Srt^a de D. Deusa, a chefe, eu que marco todas as cantigas, já pelejei pra minha filha mais velha assumir meu lugar, mas não quer".

Percebe-se um pouco a dificuldade em manter viva a manifestação, pois os mais jovens não têm tanto interesse em participar e alguns dos filhos de D. Mariana que 'brincam' no reisado moram e trabalham na cidade, e de acordo com ela fica complicado juntá-los para as apresentações. Assim, na falta deles ela convida outras pessoas, mas estas só aceitam se receberem cachê para participar. Seu reisado tem três tocadores e seus instrumentos são o pandeiro, o triângulo e a sanfona e como brincantes tem as quatro figuras, dois galantes, Srt^a de D. Deusa, o boi, o jaraguá, o caboclo, o gato, e o velho.

Seu grupo participou da Domingueiras, projeto da Platina Produções em parceria com a prefeitura da cidade, que também já se apresentou na cidade de Salvador também, numa mostra da cultura popular feita no Shopping Barra e sempre é convidada para fazer apresentações nas cidades vizinhas. Toda vez que o Departamento de Cultura da cidade realiza algum evento voltado para a cultura popular convida-os e fornece uma ajuda de custo para vestimentas e transporte.

Banda de Pifanos (Zabumba)

Faz parte da música folclórica brasileira, é um grupo formado por pessoas que tocam instrumentos de sopro e percussão. Essa tradição vem desde os tempos do início do cristianismo e esses instrumentos são usados para homenagear a Nossa Senhora na época do natal.

“Por todo o Nordeste do Brasil e nos estados de Minas Gerais e Goiás são usados vários termos para denominar o conjunto: Banda de Pifanos, Banda de Pife, Música de Pife, Zabumba,

Cabaçal, Esquentá-Mulher, Banda de Negro, Terno, Banda de Couro (Goiás), Musga do Mato, Pipiruí (Minas Gerais).” (GASPAR, 2003)⁴

Os integrantes das zabumbas ou bandas de pífono geralmente são pessoas que trabalham e moram na zona rural. Na maioria das vezes são autodidatas no que diz respeito ao conhecimento musical.

A cidade de Ribeira do Pombal tem quatro grupos de bandas de pífono, elas sempre se apresentam nas festas religiosas voltadas à comemoração de santos padroeiros em que esses grupos saem nas ruas da cidade fazendo a anunciação de que é dia de festa. Um grupo chamado ‘Trovão do Raio do Sol’ se encontra no bairro do Pombalzinho, um no povoado Boca da Mata, na fazenda Curralinho e outro no Alexandrino.

Esse tipo de manifestação na cidade é bem antiga, não se tem ao certo uma data, mas sabe-se pelos representantes dessa cultura que vem desde seus bisavôs. Os grupos existentes são formados por quatro pessoas que utilizam como instrumentos dois pífanos, uma caixa e uma zabumba.

No bairro do Pombalzinho encontramos o Sr. Simão, Simaozinho de 74 anos, que comanda a banda Trovão do Raio do Sol e também atira Bacamarte. Desde pequeno tocando com seu pai seu Flaviano, passava pelas ruas da cidade com a banda sempre que tinha alguma festa no local e arredores.

“Toco esse instrumento aqui há sessenta anos. Comecei a tocar com dez anos... eu fiquei no lugar do meu pai porque alcancei essa cultura também.” O ofício de tocar passou de geração a geração, começando com seu avô, depois seu pai lhe ensinou. “Três dos integrantes do grupo também tocaram com meu pai, então os mais novos ficam no lugar dos mais velhos”, explica.

Todos os instrumentos do grupo são feitos por Simaozinho. Zabumbas, flautas e até timbaus que não fazem parte da composição de banda de pífanos. Esse trabalho artesanal desenvolvido por ele também serve como fonte de renda, pois são vendidos para grupos de outras regiões.

Também no povoado do Alexandrino existe o grupo de Zabumba de José dos Santos Cruz, Zé de Bejo, filho de D. Mariana e Sr. Benjamim, 51 anos. Seu grupo tem cinco componentes que

se juntam sempre para tocar nas novenas de promessas do pessoal da região e festas de padroeiros. Para Zé de Bejo “essa é uma tradição que começou com os avós, recordar isso o deixa emocionado. E continuar tocando é a maneira que a gente tem de deixar viva a cultura, a tradição”.

Na Boca da Mata, povoado de Ribeira do Pombal, todo ano é realizada a novena em comemoração a Santa Rita dos Impossíveis, padroeira do local. Junto com essa comemoração existem os zabumbeiros Lourival Ramos, Antônio, João de Otília e Domingos José que percorrem todo o povoado, passando pelas ruas e parando de casa em casa, todos os nove dias (de 13 a 22 de maio) tocando seus instrumentos (zabumbas e pífanos).

O Sr. Domingos José conta que toca desde os 15 anos de idade e sempre que tem novena ele e seu grupo composto por quatro pessoas, sendo duas delas de sua família e um amigo que se junta ao grupo para tocar pelas ruas. As músicas que eles tocam muitas vezes são tiradas de melodias já existentes, sendo então adaptadas aos instrumentos da ‘zabumba’. Essa tradição de tocar nas novenas sempre fez parte da sua família.

Depois de percorrer boa parte das ruas do local, eles entram na igreja tocando seus instrumentos numa espécie de saudação à Santa, onde ao mesmo tempo em que tocam fazem um tipo de “dança”, depois saem e voltam a andar pelo povoado. Essa é uma maneira de chamar a atenção das pessoas do local para a novena que será realizada a noite.

Aboio

O aboio é um canto lento que o vaqueiro entoava durante seu trabalho de levar os bois de um lugar a outro, isso é mais comum no sertão do nordeste brasileiro. É algo tradicional que remete ao século XVII, quando o gado é criado livremente, na caatinga.

“Esse canto geralmente é composto por vogais, mas existe outro tipo de aboio e também é comum que são versos, geralmente são músicas. A origem desse tipo de canto é portuguesa trazida ao Brasil pelos escravos da ilha da Madeira.” (GASPAR, 2003)⁵

⁵ Informação do texto Aboio, disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>

No município de Ribeira do Pombal é comum haver cavalgadas, que são encontros de vaqueiros que saem pelas ruas montados em cavalos ao som de aboiadores. Lá também existe a missa do vaqueiro no início do ano onde eles são homenageados e cantam durante a missa. Celebrando um costume antigo, pois vem dos tempos em que os vaqueiros precisavam sair com seu rebanho de um canto para outro em meio à caatinga.

A cidade tem os artistas Galeguinho Aboiador, Zé da Hora e Juracy que representam este tipo de manifestação. Galeguinho Aboiador, poeta e repentista, que canta e faz versos sobre sua terra, a natureza. Desde os 12 anos de idade e começou a fazer cantorias nas feiras livres da região. Ele aprendeu esse ofício observando seu pai que também tocava repente.

Hoje, o artista trabalha na praça da cidade de Ribeira do Pombal em dia de feira vendendo produtos naturais e seus CDs, onde toda a produção é feita de maneira independente. “Eu é quem arco com todas as despesas, salvo alguma eventual ajuda de amigos”.

O repentista reclama da falta de incentivo aos artistas da região, citando uma grande festa que ocorre na cidade no mês de outubro, a Vaquejada da festa de Santa Tereza, padroeira da cidade: “não se vê ninguém da cidade se apresentando, não dão oportunidade para o artista da terra”.

Sempre convidado a participar de palestras sobre cultura popular (cordel) em Universidades da região, conta que pretende escrever um livro para registrar suas composições que na grande maioria são gravadas em CDs, pois seus versos nunca foram registrados por escrito, sendo todos em áudio e em sua memória. Sobre a cultura a qual representa fala com convicção: “Nunca deixei morrer a minha cultura, pois para mim ela representa a valorização de uma arte”.

Galeguinho participou de um evento, onde a empresa Platina Eventos em parceria com a Prefeitura Municipal de Ribeira do Pombal e a Lei de incentivo a cultura, Faz Cultura do Governo do Estado da Bahia, realizou durante o ano de 2005 seis edições do projeto Domingueiras, dando oportunidade dos artistas da cidade mostrarem seu trabalho para a população de Ribeira do Pombal e toda a região.

Quadrilhas juninas

“A quadrilha junina, matuta ou caipira é uma dança típica das festas juninas, é encontrada principalmente na região Nordeste. Surge de antigas danças populares de áreas rurais da França, Normandia, e da Inglaterra. No Brasil a dança foi inserida, na cidade do Rio de Janeiro, em 1820, pela elite imperial. A quadrilha era a dança preferida nos bailes da Corte, popularizou-se e saiu dos salões reais e chegou às ruas e clubes populares.” (GASPAR, 2003)⁶. A quadrilha é dançada em homenagem aos santos do mês de junho, São João, Santo Antônio e São Pedro para agradecer as boas colheitas na roça.

Atualmente, vem ganhando novas características como coreografias que fogem um pouco dos passos tradicionais, que são as chamadas quadrilhas estilizadas. Os participantes obedecem às marcas ditadas por um organizador de dança. O acompanhante tradicional das quadrilhas é a sanfona.

No município de Ribeira do Pombal também existe a tradição das quadrilhas juninas, que se apresentam durante as festas de São João. Algumas delas têm data e uma rua específica da cidade para se apresentar.

Quadrilha Pé no Chão

Um dos grupos mais conhecidos é o da Quadrilha Pé no Chão, a qual teve início no ano de 1988, surgindo da brincadeira entre amigos e suas famílias. “E com o passar do tempo foi virando tradição...” é também uma marca porque nosso nome Pé no Chão quando citado todo mundo sabe quem é na região”, diz Cícero Silva, responsável pelo grupo.

E complementa:

Procuramos mostrar através da dança a raiz, nossa história, o forró, o baião, a marcha, a história dos personagens que ajudaram a levar o Nordeste para o Brasil, Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Lampião, os artistas locais mostrando os repentistas, trovadores, tocadores que ajudam também a escrever a história. Nós tiramos a dança do salão e colocamos na areia, e os festejos juninos no Nordeste são diferentes do resto do Brasil, porque usamos o que a nossa terra nos oferece, para valorizar o que é nosso. (CÍCERO SILVA, 2011)

⁶ Informação retirada do texto *Quadrilha Junina*, disponível em: <http://www.fundaj.gov.br>

O grupo tem uma parte de sua coreografia, chamada Cangaço, dedicada ao personagem Lampião. Os integrantes vestem-se com roupas típicas dos cangaceiros. No momento, a quadrilha conta com a participação de cinquenta jovens, sendo que também existe um grupo iniciante de crianças de três a oito anos que depois passam a outro grupo, com faixa etária que vai de oito a doze anos, e a partir dos quatorze anos elas são chamadas para dançar na Pé no Chão. Segundo Cícero, “esse é um modo de alimentar a cultura, pois não existe cultura sem base, por isso a dificuldade da cultura se manter e se mostrar, porque não tem os herdeiros, mas a herança existe”.

Durante o ano todo, eles se apresentam em eventos nas cidades vizinhas e não somente no mês de junho. Desse modo, a quadrilha busca integrar-se a outros grupos para somar conhecimentos.

Uma das dificuldades da quadrilha é conseguir músicos para tocar durante os ensaios, porque o cachê é caro, seria necessário ter um sanfoneiro, um triângulo e um pandeirista, mas a quadrilha tem dois músicos, o próprio Cícero e outro integrante. Muitas vezes deixam de participar de concursos, porque não conseguem arcar com as indumentárias e ônibus para levá-los até a cidade do evento.

Sobre apoios vindos da prefeitura, segundo Cícero são poucos e comenta: “Eu acho que deveria contribuir mais, porque quando se mexe com cultura, com as manifestações populares essas ações tendem a impedir que os jovens busquem outros caminhos como o das drogas... então deveria investir mais”, embora já tenha participado do Arraiá no Pelourinho e também feito apresentação no shopping Piedade em Salvador por intermédio da prefeitura de Ribeira do Pombal.

É muito difícil se fazer cultura hoje, talvez se aumentar o incentivo a cultura, porque até agora a gente não viu na prática essa mudança, talvez se os conselhos municipais, estaduais e federais andassem juntos a coisa funcionaria. E também se os dirigentes de cultura fossem os mestres da cultura, as pessoas que realmente fazem acontecer, seria melhor a gestão. (CÍCERO SILVA, 2011)

Sobre editais, Cícero contou que já tentaram participar, mas perceberam que há uma distância entre a capital e o interior. Falta capacitação, para que as pessoas de lá possam escrever projetos, pois poderiam ocorrer oficinas com maior duração. Para se fortalecer e buscar patrocínios para a realização de suas apresentações e manter a quadrilha junina, o grupo se organizou na Associação Comunitária Amigos da Terra – ACATE.

Quadrilha Pé de Pinga

Atualmente com trinta e dois integrantes, a Quadrilha Pé de Pinga tem doze anos de existência e começou com a iniciativa de jovens da Rua São José que contava com participações de pessoas de outras localidades e povoados. Tendo como coordenadora desde o início, a senhora Rosália, a qual é uma das fundadoras do grupo, que também trabalha na confecção dos figurinos e coreografias em conjunto com os demais participantes.

O grupo recebe todos os anos apoio da prefeitura para confecção do figurino e cede o espaço em uma escola municipal para a realização dos ensaios. Todos os integrantes contribuem para a confecção de seus trajes e todo custo que houver, como por exemplo, o transporte do grupo rumo a outras cidades e o pagamento dos músicos para os ensaios e apresentações. Segundo dona Rosália, o custo do benefício garantido pela prefeitura não é suficiente para cobrir todos os gastos, sendo necessária a contribuição dos demais participantes.

Rosália fala do sentimento que tem em relação ao grupo, diz que “quando a gente se apega a alguma coisa fica difícil deixar, gosto muito da quadrilha, é minha vida...”

Quadrilha Fuzuê da Bagaceira

Com a iniciativa de amigos e da filha da senhora Maria José, representante do grupo fundado na Rua Aracaju, a quadrilha iniciou suas atividades em 2000. Atualmente contendo de trinta e dois a quarenta e dois participantes (isso porque algumas pessoas saem do grupo e a cada ano os números podem variar).

A quadrilha possui um grupo infantil com faixa etária de seis a doze anos, que se apresentam em escolas na Rua Aracaju no dia de festa da 'Fuzuê da Bagaceira'. O outro grupo (a partir de quinze anos) divulga a quadrilha em outras cidades.

Para a compra de tecidos, a 'Fuzuê da Bagaceira' conta com apoio da prefeitura. Para complementar a verba do grupo são feitos bingos, rifas, além de buscar patrocínios com comerciantes locais.

Os ensaios são realizados nos fins de semana nas escolas municipais ou na própria Rua Aracajú. Nos ensaios é necessária a presença de músicos como zabumbeiros, sanfoneiros para a marcação da coreografia, porém a falta de condições financeiras para a contratação desses músicos faz com que utilizem outro recurso como o CDs. Há também pesquisas através da internet relacionadas ao andamento das atividades de quadrilhas de outras cidades, principalmente sobre ideias de coreografias e figurinos. Mas tendo como finalidade a preservação das raízes tradicionais das quadrilhas de São João.

Capoeira

Uma luta que parece dança criada pelos negros que vieram da África, de Angola mais precisamente, surgiu como forma de defesa contra os opressores da época, os senhores de engenho.

Com o fim da escravidão a capoeira passou a ser praticada nas ruas, mas era considerada uma luta perigosa e quem a praticava era considerado criminoso. Em 1932 a prática dessa luta foi liberada pelo então presidente da República Getúlio Vargas a pedido do mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado, criador da vertente Regional e fundou a primeira academia de capoeira do Brasil em Salvador no ano de 1932. A capoeira Regional é diferente da tradicional Capoeira Angola difundida por Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha que, em 1941, criou o Centro Esportivo de Capoeira Angola também em Salvador. (CAPOEIRA, 2009)⁷.

Na cidade de Ribeira do Pombal existe a Associação de Capoeira Brasileira- ACAB, fundada em 2000 tendo como estilo a capoeira Regional. A associação conta com uma média de

⁷ Citação retirada do texto *Capoeira dança ou luta?* no site 'Janela para Capoeira'. Disponível em: <http://janelaparacapoeira.blogspot.com>

duzentas pessoas distribuídas nas cidades de Banzaê, Caldas de Cipó, Ribeira do Amparo e Ribeira do Pombal, nesta última existem vinte integrantes.

No município quem representa a Associação e dá aulas é o contra-mestre Marcelo, conhecido como Sombra. Ele dá aulas nas escolas da cidade como voluntário. Seus alunos não pagam nada por participarem do grupo que se reúne três vezes por semana para treinar. Ele não tem apoio financeiro, recebe ajuda só em relação ao espaço para treinar e quando necessitam viajar ou realizar algum evento de capoeira precisam recorrer ao patrocínio de comerciantes.

Marcelo pretende executar um campeonato na cidade no fim do segundo semestre de 2011, mas está com dificuldades para conseguir os recursos necessários. O contra-mestre Sombra fala sobre a continuidade do grupo de capoeira dizendo que “é pelo gostar da Capoeira que continuo esse trabalho...”

Repente

É o desafio entre poetas cantadores que acompanhados por viola ou pandeiro elaboram versos de improviso, o que lembram os trovadores medievais. Este tipo de manifestação é mais encontrado do nordeste brasileiro.

O repente tem como principal característica a rima em seus versos cantados. Os repentistas quase sempre são homens de pouca escolaridade ou nenhuma, mas com uma sabedoria e a arte de fazer versos com muita rapidez, cantam sempre as paisagens e os costumes do lugar onde vivem e quando desafiados podem criar versos sobre qualquer assunto.

“No Brasil desde o século XIX que se nota a existência desses homens que cantam repente.” (FERREIRA, 2011)⁸. Encontrar um repentista em cidades pequenas não é tão difícil, basta andar pelas feiras livres, festas de vaqueiros ou mesmo perguntar a uma pessoa mais antiga do lugar.

No município de Ribeira do Pombal tem o repentista chamado José da Hora, mais conhecido como ‘Zé da Hora’. “É um dom que trago desde menino”, disse Zé da Hora que desde a

⁸ Informação do texto *A arte dos repentistas: sua história e suas técnicas*. Disponível em: <http://derepenteocordel.com.br>

adolescência já compunha versos, se profissionalizando aos vinte anos. Cantava nas feiras livres e sempre era convidado para festas como vaquejadas, missa de vaqueiros e aniversários. Essa é a sua profissão, cantar as coisas e o jeito de viver do seu lugar. Tem CDs gravados, mas todos eles são custeados com recursos próprios e vendidos pelo artista em todo show que faz nas feiras livres ou são distribuídos a amigos para que ajudem nas vendas e divulgação de seus álbuns.

Na cidade de Ribeira do Pombal tem a festa de vaquejada no mês de outubro, mas a prefeitura que realiza a mesma não costuma convidar os artistas da terra, o que é um fator negativo por não haver a valorização da cultura popular do município.

O senhor Zé da Hora nos diz: “faço repente porque nasci pra isso, gosto do meu trabalho e se tivesse mais apoio seria melhor a profissão”.

Candomblé⁹

Religião formada com base em referências africanas, que surge a partir do encontro de África com o Brasil, através dos negros trazidos na época da escravidão. Seus deuses são os Orixás, sendo geralmente de origem familiar, é uma das religiões afro-brasileiras praticadas principalmente no Brasil.

As autoridades máximas no Candomblé são a mãe ou o pai de santo, os quais são escolhidos pelos próprios orixás para que os cultuem na terra. Estes geralmente são donos de uma roça, nome dado ao terreiro, lugar onde ficam todos os axés e onde são cultuados os orixás.

Em Ribeira do Pombal tem-se o ‘Terreiro de Oxóssi Viva Deus Filho’ de Mãe Marina do Bomfim, que existe a mais de 26 anos, situado no bairro Alto do Santo Antônio. O terreiro é conhecido por seu famoso caruru em homenagem a São Cosme e São Damião e Mãe Marina tem o respeito de todos por lá.

O terreiro tem como principais entidades cultuadas Yemanjá, Ogum, Oxum e Yansã e a Tradição é passada de geração, os títulos de filha do terreiro e mãe de santo são trabalhados desde criança.

⁹ Fonte das informações sobre Candomblé em Ribeira do Pombal disponível no site da prefeitura da mesma: <http://www.ribeiradopombal.ba.gov.br>

PRODUÇÃO DA PESQUISA

Nossa primeira ação foi entrar em contato com grupos e mestres do município e com o Representante Cultural por e-mail e telefone, vinculado a Secretaria de Cultura do Estado para obtermos informações a respeito de projetos culturais que foram realizados e também atividades que são feitas constantemente pela sociedade civil. Alguns contatos foram feitos já no local indicados por pessoas dos grupos que estávamos entrevistando.

Ao longo da pesquisa pudemos conhecer as fontes fomentadoras, bem como lideranças comunitárias, o órgão municipal responsável pela cultura, autoridades, produtores culturais e entender melhor como funciona a dinâmica cultural dessa cidade. Utilizamos como metodologia de trabalho principalmente os relatos dos personagens que dão vida a essa cultura, também através de dados já elaborados pela prefeitura.

Foram feitas quatro viagens ao município, onde encontramos oito manifestações, tais como: bacamarte, reisado ou folia de reis, bandas de pífano, aboio, quadrilhas juninas, repente, capoeira e candomblé. Entrevistamos os fomentadores dessas expressões culturais buscando sempre saber o que os movia a continuar trabalhando com a cultura popular, mesmo com todas as dificuldades pelas quais passam para realizar qualquer evento. A estrutura do site foi elaborada por um Web Designer, o qual seguiu nossas orientações para criar as seções que compõem o produto final.

Viagens

Fevereiro

Esta viagem foi feita no dia 12/02/11. E chegando à cidade logo buscamos informações sobre as pessoas que podiam nos ajudar a coletar os dados para a pesquisa.

No dia seguinte, 13/02, visitamos a casa do Sr. Ubiratan Rocha, morador da cidade, o qual possui em sua casa uma espécie de ‘museu’ com objetos, fotos antigas, réplicas de lugares e personagens da cidade. Ele ainda nos relatou como se davam as antigas festas que ocorriam nas

décadas anteriores em que se valorizavam muito mais a cultura local, mas com o tempo isso foi se perdendo.

Mais tarde estivemos na casa do Sr. José Rabelo, Zequinha, bacamarteiro. Obtivemos informações sobre a sua trajetória no bacamarte e a atual situação dessa expressão cultural. Pudemos perceber em seu relato a dedicação que tem com a manifestação da qual participa há muitos anos. Ele mesmo fabricou de maneira artesanal a arma, de madeira e ferro usada nas apresentações.

Conversando com o Sr. Zequinha, logo ficamos sabendo quem era a responsável pelo reisado na cidade. Uma senhora chamada Mariana de Bejo que realiza o reisado do Alexandrino, povoado na zona rural. A partir daí fomos em busca dessa personagem da cultura local. Fomos guiadas pelo neto dela e já era tardezinha quando chegamos na casa simples de Dona Mariana, mas um lugar cheio de hospitalidade. Ela muito rapidamente nos acomodou e começou a contar de que maneira ela aprendeu o reisado e como até hoje mantém essa tradição que veio de seus pais e avós.

Ela constituiu uma família de ‘artistas’, pois seus filhos e netos ‘brincam’ o reisado junto com ela. Seu marido o Sr. Benjamim, Bejo é o pandeirista do grupo que juntamente com o seu filho Zé de Bejo que toca zabumba.

Zé de Bejo comanda uma banda de pífanos no Alexandrino, ele conversou conosco, falou do quanto manter viva essa tradição era importante para ele e que faz isso porque gosta realmente e chega a emocionar-se quando vê um grupo de zabumba tocando bem e animando as novenas do lugarejo.

Maio

Viagem feita dia 05/05. Dessa vez viajamos com a intenção de conseguir informações na cidade de Banzaê, pois já tínhamos marcado uma conversa com o secretário responsável pela cultura local.

No dia 06/05 pela manhã seguimos para Banzaê que fica a quarenta minutos de Ribeira do Pombal. Conversamos com o secretário sobre a pesquisa e ele nos indicou algumas pessoas que poderiam colaborar com o trabalho.

Em seguida, entrevistamos dois dos representantes, Val e Verônica, quadrilha junina Pisada Forte. Eles falaram da trajetória do grupo, das dificuldades e da alegria que sentem ao manter essa cultura.

Conversamos depois com a senhora Amanda, de 91 anos, sobre a passagem de Lampião na cidade. Ainda sobre esse episódio fomos ao encontro de dona Arlinda que também vivenciou esse fato. Elas nos contaram como se deu essa passagem e como as pessoas na época reagiram, pois o cangaceiro Lampião era temido por todos. Ainda conversamos com o padre Mário, que nos deu informações sobre os índios e comunidades quilombolas da região.

Pela tarde voltamos a Ribeira do Pombal para falar com o responsável pela secretaria de cultura, Osvaldo Gois. Ele falou sobre a constituição do departamento de cultura que antes não existia, das políticas e programas adotados para fomentar a cultura local. E reconhece que ainda há muito por se fazer na área da cultura na cidade.

No final da tarde ainda fomos à casa do senhor Zequinha, pois queríamos confirmar a data e o horário da novena de Nossa Senhora de Fátima que aconteceria na semana seguinte, dia 13/05. Nessa festa haveria a presença da banda de pífanos do Sr. Simaozinho e também os tiros com bacamarte para saudar a santa.

- Viagem realizada dia 12/05

Voltamos a Ribeira do Pombal para registrarmos as apresentações da banda de pífanos e os tiros de bacamarte no bairro do Pombalzinho. Dia 13/05, uma sexta-feira pela tarde fomos ao povoado da Boca da Mata, pois ficamos sabendo que lá estava acontecendo a novena de Santa Rita dos Impossíveis e uma banda de pífanos andava pelo povoado tocando em homenagem a santa.

Ao chegar buscamos saber em que rua eles estavam, não foi difícil encontrá-los. Eram quatro homens, cada um com seu instrumento tocando em todas as ruas do local, desde o início

daquele dia, passando de casa em casa avisando as pessoas do local que a novena começava naquele dia. Vez em quando eles entravam na igreja e tocavam um pouco lá e depois retornavam a rua, pois tocariam até a noite chegar.

Pela tarde voltamos para R. do Pombal e fomos direto ao bairro do Pombalzinho ver a outra novena, a de Nossa Senhora de Fátima. No início da noite começaram as homenagens à santa com a chegada da banda de pífanos na igreja e depois que a banda tocou o Sr. Simaozinho atirou com o bacamarte para saudar Nossa Senhora de Fátima.

A banda de pífanos é comandada por Simaozinho, conversamos com ele e com seus companheiros a respeito da cultura e tradição da zabumba na vida deles. Pois é algo que vai sendo passado dos mais velhos aos mais jovens para que não se perca no tempo o costume de tocar pífanos.

Já no dia 14/05, no início da tarde encontramos Cícero, responsável pela quadrilha junina Pé no Chão que nos deu uma entrevista durante o ensaio do grupo. Coletamos dados e pudemos conhecer mais sobre a realidade dos grupos de cultura popular do município através dos relatos de Cícero.

Agosto/ Setembro

Viagem realizada dia 29/08. Retornamos a Ribeira do Pombal para coletar as últimas informações para a conclusão da pesquisa de campo.

Dia 31/08 a noite ocorreu a terceira Conferência Municipal de Cultura, fomos convidadas a participar, pois lá estariam vários grupos e representantes da cultura local. Durante a conferência estabelecemos contato com alguns grupos com os quais ainda não tínhamos falado. E então marcamos entrevistas com algumas pessoas.

No dia seguinte, 01/09 à tarde conversamos com dona Rosália da quadrilha junina Pé de Pinga, situada na Rua São José. Dia 02/09, conversamos com a senhora Maria José, esta responsável pela quadrilha junina Fuzuê da Bagaceira. Nas duas entrevistas nos foi relatado como funcionam os grupos, o porquê de ainda continuarem fomentando as quadrilhas e percebemos

que muito dessa vontade de continuar está atrelado à ‘paixão’ que sentem ao fazer o que gostam.

Ainda no dia 02/09, encontramos o contramestre de capoeira Marcelo que dá aulas em escolas da cidade e seu grupo é uma associação que também tem integrantes em outras cidades vizinhas, o que fortalece essa manifestação. Mais tarde entrevistamos o repentista Zé da Hora e seu amigo Quirino, também repentista, ambos são talentos do município. Eles nos falaram da importância de cantar as coisas de seu lugar, da falta de valorização por parte do órgão de cultura da cidade, mas que nem por isso deixam de trabalhar com essa arte, pois segundo eles nasceram para fazer isso.

Essa foi a trajetória seguida para a formulação dos textos que irão para o site, tendo como base as entrevistas que fizemos durante as viagens. Tais viagens e conversas nos ajudaram a compreender e respeitar ainda mais estas pessoas que fazem da cultura popular uma parte importante de suas vidas.

No início da pesquisa tínhamos a intenção de trabalhar com a cidade de Banzaê também, mas por conta do pouco tempo para coleta de dados em campo e pela dificuldade na obtenção das informações junto à secretaria de cultura do município decidimos não utilizá-lo para este trabalho. Mas ainda pretendemos fazer a pesquisa sobre a mesma na próxima etapa do projeto.

Durante a pesquisa de campo na cidade de Ribeira do Pombal não tivemos problemas em entrar em contato com os grupos e representantes da cultura, tudo foi favorável para conseguirmos todas as informações necessárias à construção do site.

POR QUE A INTERNET PARA AUXILIAR NA DIFUSÃO E PRESERVAÇÃO DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Atualmente as chamadas tradições populares e seus produtores têm cada vez mais abrangência na divulgação de suas manifestações através de tecnologias. Como a Cultura Popular é criada a partir das formas de vivência do cotidiano, é considerada difícil a sua sobrevivência e sua capacidade de permear em territórios onde não foram criados. Por isso, decidimos elaborar um produto que pudesse além de registrar essa cultura, fazer com que a mesma possa estar inserida em lugares além de seu território físico, através da virtualidade permitida pela ferramenta da internet.

O website surge da ideia de interação que a web 2.0 traz, pois a internet passa a ser uma plataforma para diversos programas e o melhor é que ela permite ao internauta o poder de opinar e ter sua própria página na rede mundial de computadores, mudando o antigo conceito de comunicação em que existia um receptor pronto para absorver tudo o que o emissor passasse, agora o que existe é uma inversão de papéis, a qual é muito positiva para que se estabeleça uma comunicação mais democrática e acessível. Sobre essa nova forma de socialidade no âmbito da vida moderna Castells, define como,

... um novo sistema promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação...
(CASTELLS, 1999: 22)

Assim, podemos estabelecer a ideia de que para uma amplitude maior da divulgação de manifestações culturais a Internet e as mídias sociais atuantes são necessárias e cabíveis nessa nova era informacional da sociedade. Além de colocar a interatividade como ponto chave nas relações entre os indivíduos das culturas representadas, consegue dar apoio no registro das mesmas, evidenciando sua importância para outras gerações, culturas e lugares.

Essa interação entre indivíduos de espaços físicos e culturas diferentes, mas que ao mesmo tempo encontram algo com o que se identificam é base do pensamento de Castells para o

conceito de redes, as quais consistem em interligar pessoas das várias partes do planeta. Segundo o autor,

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda estrutura social (CASTELLS, 1999: 497)

Nosso site quer criar essa rede entre indivíduos que compartilham das mesmas manifestações culturais, e poder interagir com estes através de suas sugestões e ideias para somar ao conteúdo do trabalho. E desse modo estabelecer uma relação com estas pessoas, para mais adiante criarmos a plataforma wik¹⁰, uma enciclopédia colaborativa, tendo como alicerce o que André Lemos chama de cibercultura: “A cibercultura instaura uma cultura do compartilhamento e de trabalho colaborativo que é a essência mesma da cultura e da identidade cultural”. (LEMOS, 2004)

Cibercultura é esse lugar virtual que assimila a realidade e simula as relações sociais dentro de uma só máquina, a qual é capaz de nos fazer ‘viajar’ atravessando fronteiras, pois toda informação colocada na internet é pública, esta se faz esfera pública, portanto de livre acesso.

A cibercultura destoa completamente o conceito de território como espaço físico que delimita uma cidade, estado ou certa quantidade de pessoas. Antes das tecnologias da informação saber do outro que morava na cidade vizinha ou conhecer essa outra cultura era algo um tanto difícil, pois seria necessário o deslocamento até este outro lugar.

E agora o que vemos é algo completamente diferente, que extrapola a dimensão do espaço tempo e estabelece a simultaneidade nas trocas de informações de dados sobre determinado assunto ou discussão que se cria através do uso da internet. Permite que o usuário dessa máquina digital crie suas ‘próprias regras’, no sentido em que pode escolher aquilo que deseja saber ao mesmo tempo em que também pode personalizar essas informações em suas próprias páginas virtuais.

¹⁰ A plataforma wik é uma ferramenta utilizada na rede para a produção de conteúdos em conjunto, de maneira coletiva. A ideia de ampliar o projeto Cultura do Interior para esse tipo de plataforma foi apresentada por nosso orientador, o professor Adriano Sampaio, Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas, junto com ele vamos elaborar tal projeto.

Tal ação de manipular informações de forma bidirecional e simultânea corrobora com a ideia de “inteligência coletiva”, conceito criado por Pierre Lévy, a qual consiste na colaboração mútua para existência de um todo que constitui a rede mundial de computadores.

Ainda relacionado com essa colaboração entre indivíduos de várias partes e culturas que são diferentes, embora ao mesmo passo possam ser transversais, e de certo modo se identificarem em alguns aspectos faz surgir o que se chama hoje de comunidades virtuais. O site Cultura do Interior, apesar de nesse primeiro momento estar delimitado às manifestações culturais da cidade de Ribeira do Pombal, busca atrair os produtores e personagens da cultura inserida no Território de Identidade Semi-Árido NE II para fomentar a interação entre os grupos das cidades vizinhas, a intenção é de ‘revelar’ ao outro a sua cultura e de que maneira ela se manifesta em determinada cidade.

Utilizar os media digitais e suas ferramentas a favor de determinado propósito, que aqui é o de ‘salvaguardar’ as imagens e relatos dos personagens que compõem a cultura e a identidade de um local, nos remete a importância da técnica e das tecnologias para a evolução da sociedade de um modo geral.

A essa utilidade dos aparatos tecnológicos como extensão do homem, e porque não dizer das formas de interação social, é algo que já estava previsto por McLuhan (1979), estudioso dos novos medias, muito antes de todo avanço em torno das tecnologias da informação. O mesmo autor ainda fala da maneira como os meios de comunicação podem mudar a visão de mundo da sociedade.

O processo de utilização desses aparatos tecnológicos por boa parte da população traz à tona a ‘retribalização’ do corpo social. E em citação sobre esse assunto ele diz “a grande família humana em uma só tribo”, ou seja, o que ele chama de aldeia global. Tal conceito encaixa-se na configuração de toda a trajetória da era informacional que culmina hoje na efervescência das trocas de conhecimento feitas através de comunidades virtuais, as quais simulam a realidade dentro do ciberespaço e isso estimula mudanças no âmbito real de suas vivências.

Os conceitos de aldeia global ou de redes podem ser ‘mensurados’ quantitativamente por meio de pesquisas, nas quais se percebe a grande evolução tanto da tecnologia da informação como

do acesso às mesmas. Abaixo podemos visualizar uma dessas pesquisas feita nos Estados Unidos:

A ONU (Organização das Nações Unidas) publicou em 2003 um estudo sobre o acesso à internet e a outras tecnologias da informação. Realizada pela ITU (International Telecommunications Union), agência ligada à ONU, mostra que o Brasil é o 65º colocado entre os países com o maior acesso digital¹¹.

O produto irá beneficiar a cidade e a região na qual estamos inicialmente trabalhando no que diz respeito a uma maior interação com a população do território, bem como em outras cidades que podem ter as mesmas características culturais às manifestações divulgadas no site.

Nosso mapeamento poderá contribuir dentro do território Semi-Árido NE II para um fluxo maior de informações compartilhadas entre a própria região. Isso pode gerar uma conexão entre grupos e suas manifestações culturais, fortalecendo a perpetuação de suas tradições. Como exemplo de interação entre manifestações, podemos citar a relação de um grupo de bacamarteiros em Ribeira do Pombal com grupo de bacamarte da cidade de Cipó.

Uma pessoa que não pertence necessariamente àquela identidade cultural apresentada, mas que tenha algum interesse de conhecer ou estudar culturas de lugares diferentes, ou até mesmo grupos de pessoas que estejam longe daquele lugar no qual já fez parte é uma das principais importâncias que a Internet pode trazer para a valorização da cultura popular.

O mapeamento dessas manifestações apresentado no site será divulgado posteriormente nos meios de comunicação da cidade e regiões próximas, bem como serão devidamente compartilhados entre os grupos e mestres mencionados no produto.

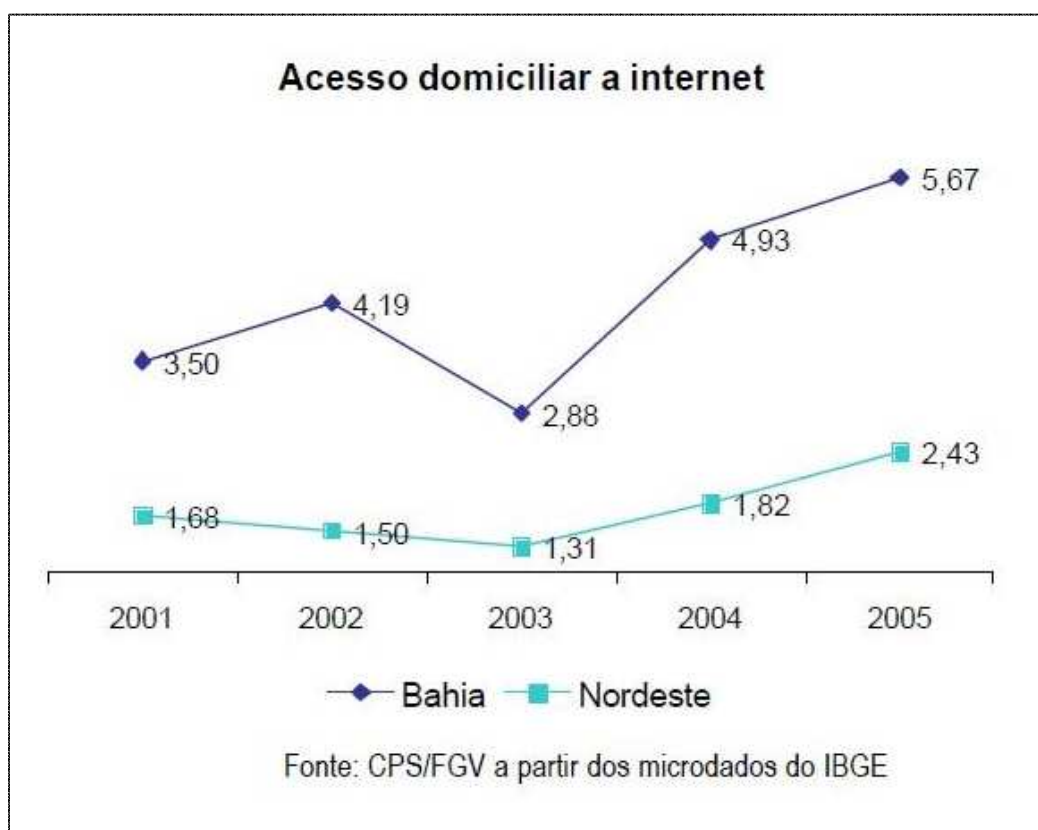
De acordo com o IBGE, houve um aumento no número de pessoas com acesso à Internet. Esses dados de 2009 revelam que o número 31,9 milhões de usuários em 2005 foi para 67,9 milhões, representando um aumento de 12 milhões em relação a 2008.

O aumento desse acesso à internet revela o quanto está se tornando importante a conexão com a rede que traz consigo um ‘conjunto’ das outras mídias e possibilita aos que a utiliza uma gama

¹¹ Informação tirada do site *Folha.com* veiculada em 2003.

de informações e possibilidades de 'ser e fazer', já que uma vez envolvido nessa rede pode integrar-se a vários grupos de gostos e culturas outras por certa identificação cultural.

Dados de outra pesquisa realizada pelo Centro de Políticas Sociais junto com a Fundação Getúlio Vargas, a partir de estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2006, apresenta um avanço do estado da Bahia em relação à região Nordeste relacionado ao crescimento do acesso domiciliar a internet.



Apostamos nesse avanço para que nossa pesquisa possa chegar a mais pessoas da região, embora tenhamos conhecimento sobre as desigualdades no acesso a essa tecnologia. Mas na cidade de Ribeira do Pombal, a internet é fornecida por ondas de rádio, há empresas que trabalham com o serviço de instalação das antenas para internet nas residências. Existe um centro digital que atende gratuitamente a população do município e os estudantes podem ter acesso nas escolas, lan houses, lugares onde se pagam para utilizar a internet. Já os mestres e os personagens da cultura local podem ter acesso à pesquisa através de seus netos e pessoas mais

jovens. Nós pretendemos visitar cada grupo que nos forneceu informações para mostrar o resultado final da pesquisa que é o site.

Essa característica da descentralização das políticas culturais, que divide as responsabilidades nas instâncias governamentais traz um pouco da concepção de ‘pulverização’ do indivíduo pós-moderno, isso baseado na teoria do autor Stuart Hall (2003), a qual diz respeito ao modo como o homem na atualidade é descentrado, ou seja, pode atuar em vários âmbitos sociais na medida em que vão acontecendo mudanças na estrutura social e suas instituições.

O uso da internet mudou a estrutura de vários âmbitos, como o trabalho, as relações entre indivíduos e de maneira bastante considerável com a cultura e seus novos modos de apresentação. Pois nessa era da informação pode-se assistir, como por exemplo, a um reisado através de um vídeo postado na rede de computadores ou vê-lo da maneira tradicional esperando a data para que aquele ritual ou festa aconteça.

PRODUÇÃO DO SITE

Elaboramos a estrutura do site Cultura do Interior pesquisando sites já existentes para que este fosse uma plataforma simples, mas com seus elementos bem dispostos. Para colaborar nessa construção contratamos um Web Designer, para tornar ‘concreta’ a ideia do produto.

Quando pensamos na proposta do Trabalho de Conclusão de Curso fomos buscar mais conhecimento sobre a construção de sites, fizemos um curso de web design no Senai, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o que nos deu uma visão aguçada do que realmente compõe a criação de uma página virtual. Embora tenhamos um conhecimento básico sobre as ferramentas de uso, vimos que não seria tão fácil criar de fato um site bem estruturado apenas com o que sabíamos. Por isso um Web Designer foi chamado para tal finalidade.

As informações do site revelam através de textos o teor do nosso trabalho, que após essa fase do TCC, continuaremos com algo maior, abarcando cada vez mais cidades, até que consigamos mapear as manifestações culturais de todo o território de identidade Semi-Árido Nordeste II.

Nossa página virtual contém abas para cada tópico tratado na mesma, tais como: ‘Projeto’, que traz a explicação do trabalho desenvolvido para a produção do site; ‘Território Semi-Árido Nordeste II’, apresentando o contexto da política cultural relacionada aos territórios de identidade dentro do Estado da Bahia; ‘Manifestações Culturais’ aborda sobre o que são manifestações culturais e quais se apresentam no território em questão; ‘Galerias’ tem como conteúdo os submenus ‘Fotos’ e ‘Vídeos’ sobre os grupos culturais encontrados na cidade de Ribeira do Pombal; ‘Contato’ tem um formulário para que as pessoas que acessarem o site possam nos mandar comentários ou sugestões. A página também possui o link chamado ‘Notícias’ para que possamos postar acontecimentos ligados à cultura da cidade de Ribeira do Pombal e do território de identidade correspondente.

O site mostra-se como uma ferramenta de compartilhamento de identidades culturais dentro do Território de Identidade Semi-Árido NE II, na medida em que divulga para um número maior de pessoas as manifestações de Ribeira do Pombal, possibilitando uma interação entre os grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto apresentado surgiu da inquietação provocada pelo pouco conhecimento sobre a cultura que se encontra no interior e também pela vontade de fazer com que a mesma seja divulgada e valorizada, tanto pela população da cidade, quanto por pessoas de outras localidades.

Essa inquietação também aparece por conta das noções sobre cultura, sobre o que é, o que representa, que absorvermos durante a graduação, pois sabemos da responsabilidade que é lidar com costumes ou modos de ser e agir de determinado lugar. Pudemos ampliar nossa visão a cerca do universo da cultura, das políticas que são aplicadas à mesma e ter ainda mais aguçada a percepção para as diversidades culturais existentes. Foi a partir desse repertório, adquirido durante o curso de Produção Cultural, que percebemos que algo destoava desse modo de tratar a diversidade cultural no estado da Bahia, principalmente no que tange aos antigos governos.

Nós buscamos contextualizar a pesquisa e o nosso produto, o site Cultura do Interior, na diversidade das manifestações que compõem nosso Estado, através da cidade de Ribeira do Pombal e seus grupos de cultura popular. Apresentado-os de uma forma mais próxima, pois fomos conversar com cada um dos produtores e personagens do município para saber o que realmente os movem a continuar trabalhando com a cultura em sua cidade.

Para iniciar o trabalho foi preciso buscar fontes sobre cultura popular, tentar diferenciá-las dos conceitos de cultura de massa, e assim delimitar o assunto para que encontrássemos o objeto de nossa pesquisa. Mas Encontrado o objeto fomos formular estratégias para delinear o percurso do trabalho.

A princípio tivemos que viajar até a cidade e entrar em contato com o Departamento de Cultura de Ribeira do Pombal para termos uma noção de como funciona a dinâmica cultural e quais os grupos existentes. Feito isso fomos a campo e aos poucos íamos descobrindo cada personagem, onde moravam e todas as informações necessárias à pesquisa.

Durante a pesquisa tivemos algumas dificuldades relacionadas ao pouco tempo que tínhamos para realizar as entrevistas e nos deslocarmos de um lugar a outro. A dificuldade de não

conseguir estar presente na cidade em tempos de festa, onde alguns grupos se apresentavam. Isso por uma questão financeira e também porque trabalhávamos, então só poderíamos viajar nos fins de semana.

Outro ponto importante e que nesse primeiro momento deixou uma “lacuna” em nosso produto foram os registros audiovisuais, pois por não termos aparelhos tecnológicos que permitissem uma boa qualidade de áudio e imagem, depoimentos ricos tiveram que ficar de fora. Mas pretendemos a partir daqui buscá-los novamente para publicarmos no site.

A partir do estudo das manifestações da cultura popular pudemos ter acesso a informações sobre assuntos como as políticas públicas para a cultura, a trajetória da tecnologia da informação, os muitos conceitos para definir o termo cultura. Um dos pontos importantes deste projeto piloto foi ter a oportunidade de perceber a evolução dessas políticas para a cultura, pois vimos na prática que muitas políticas da União e do Estado estão sendo realizadas junto às comunidades dos territórios de identidade.

Os grupos e personagens da cultura de Ribeira do Pombal possuem uma característica em comum, a qual diz respeito à vontade de manter suas tradições vivas estimulando os mais jovens a continuar esse trabalho. Desse modo, os entrevistados, num total de dezoito pessoas atuantes, demonstraram o interesse de que suas manifestações fossem divulgadas em algum meio de comunicação para “levar” o interior para lugares distantes.

Para que nosso trabalho tenha reconhecimento iremos divulgar o site ‘Cultura no Interior’ na página da prefeitura de Ribeira do Pombal, no site da representante territorial do Semi-Árido Nordeste II (SECULT-BA). À medida que o projeto for abarcando mais cidades, poderemos buscar inserir o link da página referida em sites de instituições vinculadas à cultura. Nossa meta de conhecer e ‘salvaguardar’ parte da memória da cultura popular de Ribeira do Pombal foi realizada, embora ainda tenhamos de trabalhar para continuar esse projeto, pois queremos manter atualizada a página e interagir cada vez mais com os indivíduos da cultura local e região, transformando nosso produto num eixo transversal em que informações e identificações possam ser fomentadas e difundidas pelo site.

ANEXOS

Anexo 1

- **Cronograma das Atividades**

Atividades	Semestre 2011.1						Semestre 2011.2					
	Site	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Briefing			X									
Produção de Layout			X									
Inserção/ Construção no sistema				X								
Inserção do conteúdo				X	X			X	X	X	X	X
Registro e Hospedagem do Site				X								
Apresentação do site												X
Memorial	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Viagens/ Entrevistas	X			X			X					
Elaboração dos textos				X	X		X	X	X	X	X	
Entrega do Memorial											X	
Apresentação Trabalho												X

Anexo 2

- **Imagens**

Bandas de Pífano (Zabumba)



Foto: Tamires Nascimento

Zé de Bejo - Representante Banda de Pífano do Alexandrino



Banda Trovão do Raio do Sol – Bairro do Pombalzinho

Foto: Kétsia Figueiredo



Banda de Pífano da Boca da Mata – Novena em homenagem a Santa Rita dos Impossíveis

Foto: Késsia Figueiredo

Reisado



Foto: Tamires Nascimento

D. Mariana e Sr. Benjamim – Reisado do Alexandrino

Capoeira



Associação de capoeira Brasileira - ACAB

Foto: Tamires Nascimento

Repente



Sr. Zé da Hora – Repentista

Foto: Tamires Nascimento

Quadrilha Junina



Quadrilha Pé no Chão – Rua da Ribeira

Foto: Quadrilha Pé no Chão



Quadrilha Pé de Pinga – Rua São José

Foto: Ouadrilha Pé de Pinga



Quadrilha Fuzuê da Bagaceira – Rua Aracaju

Foto: Blog R. do Pombal

Bacamarte



Sr. Simaozinho

Foto: Késia Figueiredo



Sr. Zequinha

Foto: Tamires Nascimento



Reunião dos Bacamarteiros da região em comemoração à reforma da Igreja Matriz

Foto: Sr. Zequinha

Aboio

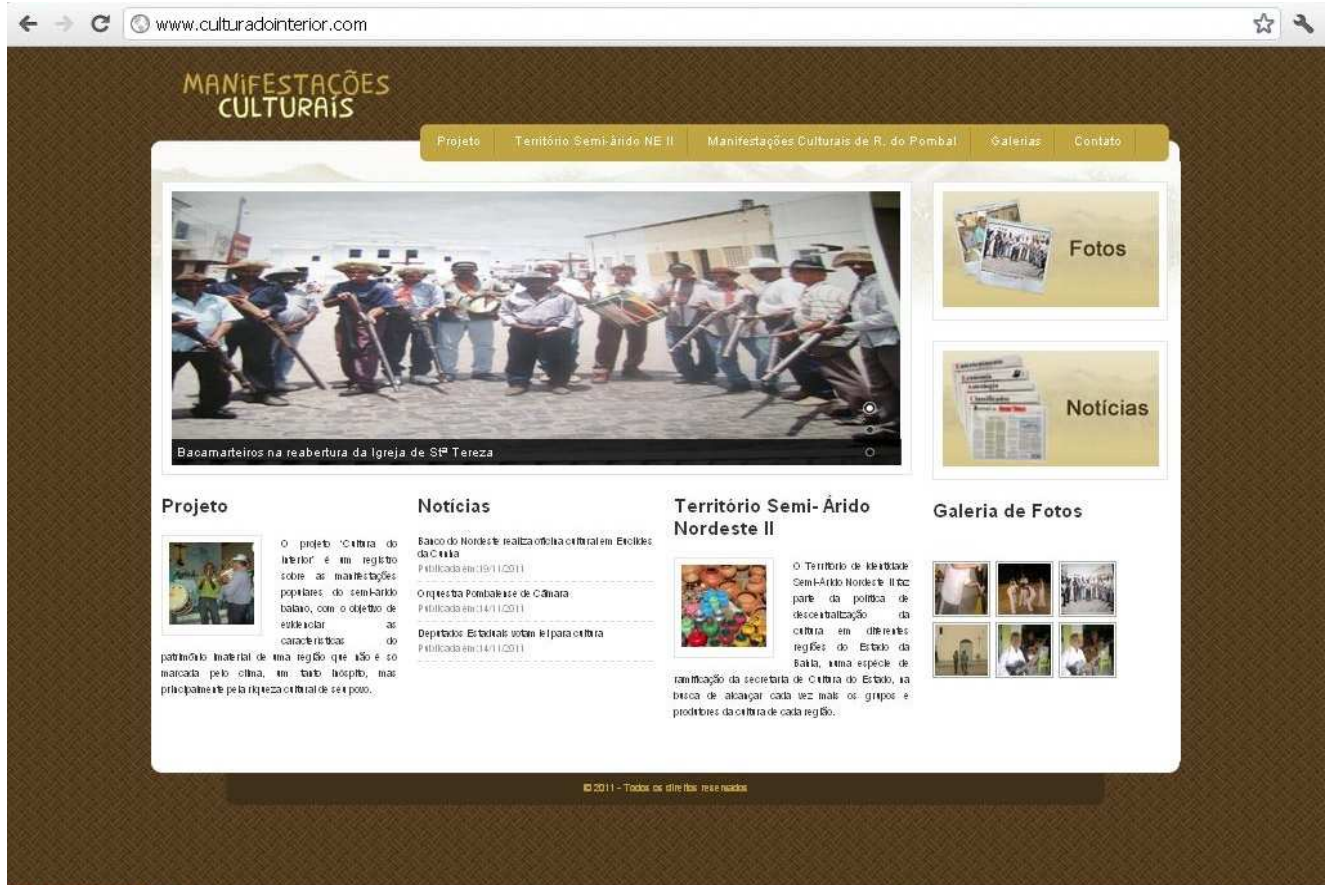


Galeguinho Aboiador

Foto: Galeguinho Aboiador

Anexo 3

- Layout do Produto



REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação: Uma categoria espacial**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995. Disponível em < <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/169.pdf>>. Acesso em: 29 de out. 2009.

ANDRADE, Maria Karina. **O que são Territórios?** (mensagem lista). Mensagem recebida por < lista-cultura-todos@cultura.ba.gov.br >. Em: quinta-feira, mar. 2011.

BIBLIOTECA, Virtual do Governo do Estado de São Paulo. **Estudos sobre folclore no Brasil: breve panorama**. SP. Disponível em:
<<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200708-estudossobrefolclore.pdf>>. Acesso em 10 de out. 2011.

CANDOMBLÉ, História do. Disponível em:
<<http://dofonodelogum.sites.uol.com.br/historia.html>>. Acesso em: 28 set. 2011

CARVALHO, Lúcia. **A cultura como dimensão estruturante das políticas públicas**. Disponível em:
<http://www.secult.220i.com.br/conteudo/programa/sistema_estadual_cultura/downloads>.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspecto da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUARTE, José Carlos Silveira. **Territórios de Identidade e Multiterritorialidade, Paradigmas para a Formulação de uma Nova Regionalização da Bahia**. In: V Enecult, mai. 2009, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19536.pdf>>. Acesso 25 mai. 2011.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Cultura, globalização e turismo**, In FERREIRA, Maria Nazareth (org). *Cultura subalterna e neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina*. São Paulo: CELACC, 1997.

FERREIRA, Edmilson. **A arte dos repentistas: sua história e suas técnicas**. Recife, set. 2010. Disponível em: <<http://derepenteocordel.com.br/a-arte-dos-repentistas-por-edmilson-ferreira/>>. Acesso em: 7 set. 2011.

GASPAR, Lúcia. Aboio. **Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 9 jun. 2011.

GASPAR, Lúcia. **Bandas de Pífano. Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, 2003, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em 11 jun. 2011.

GASPAR, Lúcia. **Quadrilha Junina. Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

HALL, Stuart. **A indetidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A,, 2003.

IV CONFERÊNCIA ESTADUAL DE CULTURA. **Território de Identidade: Semi-Árido NE II**. 4, 30 set. 2011, Salvador. Disponível em: <<http://culturabahia.com/2011/09/30/territorio-de-identidade-semiarido-ne-ii/>>. Acesso em: 10 out. 2011.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007. 295 p.

LEMOS, André. **Cibercultura, Cultura e Identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”?** In: Simpósio Emoção Art.Ficial. julho 2004, São Paulo. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000. 260 p.

LUTA, **Capoeira dança ou**. Disponível em: <<http://janelaparacapoeira.blogspot.com/2009/04/capoeira-danca-ou-luta-criada-pelos.html>> Acesso em: 7 set. 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979. 407 p.

MANUEL, Castells. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p.

MATA, Povoado Boca da. Disponível em:< <http://rdopombal.blogspot.com/2010/07/povoado-boca-da-mata.html>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). **Mapa da exclusão digital na Bahia**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2006. Disponível em: <<http://cps.fgv.br/node/9915>>. Acesso em: 08 de out. 2011.

ONU divulga ranking mundial de acesso digital; Brasil é 65°. **Folha.com**, São Paulo, 20 nov. 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u14525.shtml>>. Acesso em: 07 nov. 2011.

PAULA, Francisco de. Bacamarte. **Armas Brasil**, Rio de Janeiro, 18 mai. 2002. Disponível em <http://www.francisco.paula.nom.br/Armas%20Brasil/SecXIX/Nova_nacao/Bacamarte.htm>. Acesso em: 08 jun. 2011.

POMBAL, Prefeitura Municipal de Ribeira do. **Nossa Cultura**. Disponível em:<<http://www.ribeiradopombal.ba.gov.br>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

POMBAL, Ribeira do. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Ribeira_do_pombal>. Acesso em: 25 mai. 2011.

ROCHA, Henrique. **Refletindo os conceitos do folclore, cultura popular e tradição**. In: Antropologia das coisas do povo. São Paulo, 2005. cap. 1, p. 1-20.

ROCHA, José Maria Tenório. **O que é reisado**. In: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural-1/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/grupos-de-folguedos-natalinos/reisado/o-que-e-o-reisado/>. Folguedos e Danças de Alagoas, Maceió–Alagoas: Sergasa, 1984.

RUBIM, Antonio Canelas (Org.). **Políticas culturais no governo Lula**. Salvador: EDUFBA, 2010. 308 p.

RUBIM, Antonio Albino. **Políticas públicas de cultura no Brasil e na Bahia**. Ba.2008. Disponível em: <http://www.secult.220i.com.br/conteudo/programa/sistema_estadual_cultura/downloads>

RUBIM, Antônio Albino Canelas; ROHDE, Bruno Faria (Org.). **Políticas Culturais na Bahia**. Salvador: Edufba, 2008.

SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS CULTURAS POPULARES, 1º, 23 a 26 de fevereiro de 2005. Brasília, DF: Ministério da cultura, Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural, 2005. 183 p.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **A construção da imagem do nordestino/ sertanejo na constituição da identidade nacional**. In: II Enecult, 2, 2006, Salvador. Biblioteca. Disponível

em:<http://www.cult.ufba.br/enecul2006/claudia_pereira_vasconcelos.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2009.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-tão Baiano: A Baianidade e a Sertanidade no Jogo Identitário da Cultura Baiana**. In: IV Enecult, mai. 2008, Salvador. Disponível em:<<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14139.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2011.